

REINVENÇÃO PARA O PASTOREIO

G A T O

AILTON SANTOS

1º ano da Faculdade de Direito da UFMG.

A minha alma rua das fadas?

Por que a orla, a bôlha, os olhos e o pêndulo
se os horizontes não comprimissem os minutos?

Nos tornozelos o musgo de outras lavras
mora regressos de rotas antigas que não foram minhas,
restos de jornadas em pés que costuram meridianos de soluços e suor.
E, meu suor, tijolos rebelados contra a forma corporal,
perdeu-se na confecção de edifícios que não eu, por enseadas que não fui.
Como, então, projetar-me (dimensão de Tordesilhas arrastadas em savei-
ros do não-ser)

sôbre o só desta geografia-seara-de-promessa se os seus braços,
possíveis suportes desta arquitetura invisível,
precipitam meu fragmento, seixos e migalhas,
no vazio de passos ausentes, enigmáticos?

Do barro, contudo, reinvento-me ombros e anseios (amanhecência reden-
tora de minha fadiga)
para possível a resignação e a procura que a flora de meus dedos pastoreia,
enraizando-se nos espelhos e nas imagens,
para que na claridez e na escuridade,
a minha fadiga cresça numerosa de ofertas
sôbre o só desta geografia-seara-de-promessa.

A flora de meus dedos pastoreia segredos que desabroçam.

E,

em meio a outros segredos,

você:

palavras e carícias vestidas de golpes (mas também de manhã)

acendendo cicatrizes de luz na pele de nossa travessia,

em que um Haicai de unção, invisível nos seus lábios,

cresce trégua por trévas e lama nos longes longos em que sou.